

# Gloves Off



THE VANCOUVER STORM SERIES  
STEPHANIE ARCHER

# Gloves Off

**THE VANCOUVER STORM SERIES**  
**STEPHANIE ARCHER**

*Para o Sr. Archer, meu sonâmbulo propenso a acidentes.*

## **AVISO DE CONTEÚDO**

Alguns detalhes do mundo do hóquei profissional foram ajustados para seu prazer de leitura.

Para verificar os avisos de conteúdo deste livro, escaneie o código QR abaixo ou visite [www.stephaniearcherauthor.com/content-warnings](http://www.stephaniearcherauthor.com/content-warnings)

# CONTEÚDO

1. [Alexei](#)
2. [Alexei](#)
3. [Geórgia](#)
4. [Alexei](#)
5. [Geórgia](#)
6. [Geórgia](#)
7. [Alexei](#)
8. [Geórgia](#)
9. [Geórgia](#)
10. [Geórgia](#)
11. [Geórgia](#)
12. [Alexei](#)
13. [Alexei](#)
14. [Geórgia](#)
15. [Alexei](#)
16. [Geórgia](#)
17. [Geórgia](#)
18. [Alexei](#)
19. [Alexei](#)
20. [Alexei](#)
21. [Geórgia](#)
22. [Geórgia](#)
23. [Alexei](#)
24. [Geórgia](#)
25. [Alexei](#)
26. [Geórgia](#)
27. [Geórgia](#)
28. [Geórgia](#)
29. [Alexei](#)
30. [Geórgia](#)
31. [Alexei](#)
32. [Alexei](#)
33. [Geórgia](#)
34. [Alexei](#)
35. [Geórgia](#)
36. [Alexei](#)
37. [Geórgia](#)
38. [Alexei](#)

39. [Alexei](#)
40. [Alexei](#)
41. [Alexei](#)
42. [Geórgia](#)
43. [Alexei](#)
44. [Alexei](#)
45. [Geórgia](#)
46. [Geórgia](#)
47. [Alexei](#)
48. [Geórgia](#)
49. [Geórgia](#)
50. [Alexei](#)
51. [Geórgia](#)
52. [Alexei](#)
53. [Geórgia](#)
54. [Geórgia](#)
55. [Geórgia](#)
56. [Alexei](#)
57. [Geórgia](#)
58. [Geórgia](#)
59. [Alexei](#)
60. [Geórgia](#)
61. [Alexei](#)
62. [Geórgia](#)
63. [Geórgia](#)
64. [Alexei](#)
65. [Geórgia](#)
66. [Geórgia](#)
67. [Alexei](#)
68. [Geórgia](#)
69. [Geórgia](#)
70. [Geórgia](#)
71. [Geórgia](#)
72. [Geórgia](#)
73. [Alexei](#)
74. [Geórgia](#)
75. [Alexei](#)
76. [Geórgia](#)
77. [Alexei](#)
78. [Geórgia](#)

79. [Alexei](#)

80. [Alexei](#)

81. [Geórgia](#)

82. [Alexei](#)

83. [Geórgia](#)

84. [Geórgia](#)

85. [Geórgia](#)

86. [Alexei](#)

87. [Geórgia](#)

88. [Alexei](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Também por Stephanie Archer](#)

[Sobre o autor](#)

# CAPÍTULO 1

ALEXEI

NA MANHÃ da abertura da temporada do Vancouver Storm, eu esperava o elevador para o escritório do treinador Tate Ward na arena quando ouvi um barulho de saltos altos.

Ela se aproxima de mim, e um aroma familiar me envolve — baunilha, violetas e sândalo. Meus ombros se contraem.

Lá vamos nós, porra. Meu sangue começa a ferver. No meu pulso, meu relógio emite um bipe de alerta quando minha frequência cardíaca sobe acima da frequência de repouso, e eu o silêncio.

Ela levanta os olhos do celular, aqueles olhos quentes cor de uísque esfriando. "Ah. Você."

Pego o botão de chamada do elevador e aperto novamente. Não quero passar mais tempo do que o necessário com essa pirralha mimada.

Eu não suporto a Dra. Georgia Greene.

"Obrigada, Volkov." Ela me oferece um sorriso irônico de gratidão. "Não quero passar mais tempo com você do que o necessário."

Como sempre, seu cabelo castanho-avermelhado está solto sobre os ombros, solto, ondulado e espesso como o de uma daquelas mulheres sorridentes em comerciais de xampu. Não é ruivo, nem castanho, é algo entre os dois, com fios dourados que refletem a luz. Uma nova sarda cobre seu nariz e maçãs do rosto, provavelmente de ter tomado sol em um iate durante todo o verão, descansando de topless enquanto recebia bebidas em uma bandeja de prata de alguma funcionária cujo nome ela não sabe. Meus dentes rangem.

Ela fica ao meu lado, de frente para as portas enquanto esperamos, ainda lendo e-mails no celular enquanto tento não inalar o cheiro dela.

"Estou surpresa que você esteja de volta ao trabalho nesta temporada." Aparentemente, não consigo me conter e a provooco. "Achei que você já teria um marido rico."

Olho-a de soslaio, observando seu cabelo impecável, sua maquiagem, a roupa que ela escolheu para valorizar cada curva. Seus saltos altos. A bolsa cara pendurada no braço. A família Greene é famosa por ser dona de metade de Vancouver. Ela é exatamente como minha ex: superficial, egocêntrica e obcecada por riqueza e imagem.

"Estou ignorando você", ela diz, com os olhos no celular.

"*Nunca vou me casar*", ouvi ela dizer ano passado. Mesmo assim, ela fica irritada quando falo sobre ela querer encontrar um marido rico, e a única coisa que eu amo mais do que irritar o médico é hóquei.

"Não é esse o seu desejo mais profundo?", pergunto. "Encontrar um velhote à beira da morte e lucrar quando ele passar para a vida após a morte, para que você possa largar o emprego e viver o resto da sua vida fazendo o que mais ama: gastar dinheiro consigo mesmo?"

Não sei por que ajo assim perto dela. Não falo com ninguém do jeito que falo com essa mulher.

Ao ouvir as palavras "*velho*", seus lábios se curvam num sorriso doentio. "Talvez eu me case com você."

"Quando o inferno congelar." Eu nunca me casaria, muito menos me casaria com *ela*. "E eu não sou velho."

Tenho 36 anos. Para um defensor de peso, estou velho, mas ainda estou em uma forma incrível. O Troféu Norris é concedido ao melhor defensor geral da NHL. Não o ganhei três vezes porque me descuidei.

"Fogo do inferno", acrescento.

Ela se enrijece, e eu luto contra a vontade de sorrir. Ela odeia esse apelido.

"Não me chame assim."

"É de lá que você veio, não é? Forjado no fogo do inferno?"

Um sentimento se expande em meu peito, como momentos antes de um jogo começar, e o ar entre nós crepita.

"Quer saber qual é o meu desejo mais profundo, Volkov?" Ela se vira para mim, os olhos brilhando de fogo, e meu coração bate mais forte. "Meu desejo mais profundo, que desejo em todos os aniversários, é que você caia num buraco muito estreito e muito fundo. Você não esteja com o seu celular. Será no meio do nada, e eu serei a única pessoa por perto." Ela assume um tom de voz agudo e triste. " *Me ajude*, você vai ligar para o buraco. *Por favor, Georgia, me ajude* ."

"Eu jamais pediria sua ajuda. E não pareço assim."

"Você vai, porque vai estar morrendo de fome, sede e muito assustado. Tem trinta metros de profundidade e tem cobras lá no fundo."

"É isso que você deseja no seu aniversário? É meio patético, não acha?"

"Sabe o que mais eu desejo? Que você finalmente se aposente." Seu olhar percorre meu corpo, catalogando cada lesão, cada pino e placa de aço do meu corpo em dezessete anos na NHL. "E que eu nunca mais precise te ver."

Suas palavras me atingiram como uma flecha no estômago. Posso controlar minha dieta à risca, posso fazer de tudo para me recuperar e jogar o meu melhor, mas não posso parar o tempo. Minha aposentadoria iminente é a sombra da qual não consigo me livrar.

Onde diabos fica esse elevador? Observo o número acima das portas. "Faça o que você faz de melhor, doutor, e faça das compras o seu trabalho em tempo integral para que possamos contratar um médico de verdade."

Ela não diz nada, mas consigo sentir sua irritação. Na mosca.

"Idiota", ela murmura.

Ela não está errada. Um momento de silêncio se estende entre nós antes que as portas do elevador se abram e entremos.

"Deve ser sexta-feira", digo para as portas enquanto o elevador sobe.

"Com licença?"

"É sexta-feira. Como eu sei disso?"

"Meu Deus", ela sussurra, fingindo admiração. "Você *sabe* ler. Esse tempo todo, não tínhamos certeza."

Meus instintos competitivos despertam. "Zombando da minha herança imigrante? Isso é um golpe baixo, Doutor, até para você."

Ela me lança um olhar inexpressivo. "Não foi isso que eu quis dizer."

Meus pais fugiram da Rússia quando eu era criança e trabalhavam dia e noite para pagar o hóquei. "Nem todos nós tínhamos condições de pagar uma escola particular."

Nossa criação não poderia ser diferente. *Nós* não poderíamos ser diferentes.

O rosto dela fica com um tom rosado que faz meu relógio disparar novamente. Eu o silêncio, a vitória me percorrendo. Ela está prestes a dizer algo quando a interrompo.

"Violetas. Toda sexta-feira, você usa o perfume que tem cheiro de violetas." Levei meses para identificar aquela nota. Só a descobri porque estava comprando algo na floricultura da minha mãe e o aroma me fez parar.

Ela pisca para mim, chocada. Aposto que ela odeia que eu saiba disso. Aposto que ela odeia que eu esteja de olho nela.

"É esse que você usa quando sai para tentar conquistar um marido rico, não é?"

Ela se endireita um centímetro, mas ainda é quase 30 centímetros mais baixa que eu. No fundo do meu cérebro reptiliano, gosto de como sou muito mais alta. De salto, ela é alta, mas eu sou mais alta. Tenho o dobro do peso dela. Não seria problema jogá-la por cima do meu ombro.

"Não seja tão perseguidor, Volkov." Ela volta a focar no celular.

Meu olhar se volta para os sapatos dela. Altos e pontiagudos, projetados para castrar suas vítimas com um chute forte no saco. Altos demais, com tiras pequenas e idiotas que parecem que vão arrebentar a qualquer momento. Tão impraticáveis. Médicos de verdade não usam sapatos assim. As solas são vermelhas, eu me lembro, de ela ter usado em um evento no ano passado. A mesma cor que seus olhos provavelmente ficam quando ela não consegue o que quer.

Nos meus pesadelos, os sapatos dela são tão altos quanto prédios, me provocando com seus cliques enquanto ela anda de um lado para o outro no corredor. Tão pouco profissional. Médicos deveriam usar Crocs feios, não saltos sensuais e sensuais.

Eu os odeio e odeio o quanto penso neles.

"Você vai atender?" Ela lança um olhar penetrante para o meu pulso.

Droga. Meu relógio está tocando de novo. Silêncio-o e respiro lenta e profundamente. O programa me ajuda a manter a frequência cardíaca baixa quando eu deveria estar descansando, para auxiliar na recuperação e no desempenho, mas está tudo descontrolado hoje.

"Eles são Christian Louboutin", ela acrescenta com um sorriso irônico, "caso você queira comprar um par para se masturbar à noite".

Meu lábio se curva. "Eu não me masturbo com os seus sapatos", digo entre dentes. "Pode ser difícil para o senhor entender, doutor, mas algumas pessoas não se sentem atraídas por você."

Deixei meu olhar percorrer seu corpo, demorando-me na longa linha de seu pescoço, na pele macia acima da gola de sua camisa de seda, na curva de sua cintura e na curva de seus quadris.

Não a odeio porque ela é tão parecida com a minha ex, Emma — carismática, simpática, confiante, linda — e não a odeio porque ela sabe exatamente o quão atraente ela é. Nem odeio a médica porque ela vem de uma família rica e privilegiada.

Eu a odeio porque ela não acredita em mim.

Dois anos atrás, tive uma reunião com ela, na qual ela passou as mãos por todo o meu corpo, por todos os ferimentos que eu tinha acumulado, antes de eu sofrer uma concussão durante um jogo e ir para o hospital.

*"Você está me transferindo para outro médico?"* perguntei a ela no dia seguinte à minha alta.

*Ela não me olhou nos olhos. "Não sou a médica certa para você."*

*"Muito trabalho? Vou atrapalhar seu tempo de compras, hein?"*

*Aqueles olhos cor de uísque brilharam de irritação. "Você está preso a alfinetes e fita adesiva, Volkov. Eu o recomendei para a aposentadoria. Não vou investir tempo em uma causa perdida."*

Um encontro. Foi o suficiente para ela desistir de mim.

Finalmente, o elevador chega ao andar superior da arena, onde ficam os escritórios. Ele apita e as portas se abrem.

"Tenha um ótimo dia, Volkov. Não arranque mais nenhum dente esta noite."

Ela sai e segue pelo corredor até seu escritório, com a cabeça erguida, vestindo aquelas calças como se tivessem sido feitas para ela.

"Eu tenho todos os meus dentes", eu digo bruscamente para ela.

Eu a odeio, mas a doutora tem uma bunda ótima. Meu relógio toca de novo.

"Está tudo bem, Volkov?"

O treinador Tate Ward está na recepção, me observando observar o médico, com uma expressão curiosa, mas divertida.

"Está tudo bem." Silêncio esse relógio idiota. Provavelmente está quebrado ou algo assim. "Você queria falar comigo?"

"Pode apostar." Ele aponta o queixo para o escritório do outro lado do corredor.

"Vamos."

## CAPÍTULO 2

### ALEXEI

SIGO Ward até seu escritório e me sento em uma das poltronas em frente à sua mesa, em frente a ele.

“O que você acha de Luca Walker?” ele pergunta.

O calouro de 22 anos que se importa mais em se divertir, festejar e sair com garotas do que em jogar na NHL? Ele é um merdinha convencido que precisa de um choque de realidade. Quando meu último parceiro de defesa, Hayden Owens, passou para o ataque no final da temporada passada, Ward contratou Walker como agente livre e nos colocou juntos.

“Ele é jovem.”

Ninguém me faz sentir a minha idade como o Walker, com cara de bebê, olhos brilhantes e cheio de otimismo. O garoto é um raio de sol, fresco como uma margarida primaveril.

Ward espera, observando.

“Inexperiente”, acrescento.

Mais daquele contato visual paciente. O ex-jogador que virou treinador é apenas alguns anos mais velho que eu, mas tem uma calma e uma sabedoria desconcertantes que o fazem parecer décadas mais velho.

"Ele vai ter que trabalhar duro este ano se quiser continuar jogando neste nível." Para cada jogador na liga, dez aguardam nos bastidores. Um erro e ele vai embora, mandado para o time de base do Storm.

"E eu não acho que ele tenha talento para brincar comigo."

As sobrancelhas escuras de Ward se erguem. "Sério."

"Os calouros não jogam na primeira dupla defensiva. Eles começam na terceira dupla e vão subindo de nível."

Os times de hóquei têm três duplas defensivas. A primeira é para os melhores jogadores, como eu, não para os caras que ainda estão se adaptando a um novo time, jogando em um novo nível.

Ward sabe disso. Costumávamos jogar um contra o outro quando ele estava na NHL, anos atrás, quando eu estava no Montreal e ele no Storm, aqui em Vancouver. Ele subiu de primeira escolha do draft, com um contrato anual recorde, para o maior pontuador da liga. O cara ganhou o troféu Hart de MVP do ano por oito anos consecutivos, até que uma lesão no joelho encerrou sua carreira. Ele desapareceu por alguns anos até reaparecer, treinando hóquei feminino na universidade local, e foi contratado como técnico principal do Vancouver Storm há dois anos.

"Minha filosofia é que trabalhar com pessoas melhores do que você é a melhor maneira de melhorar." Ward se recosta na cadeira, cruzando as mãos sobre a barriga. "O que você acha disso?"

Coço a nuca. "Você é o treinador."

"Ainda quero saber o que você pensa."

Não quero fazer isso. Qualquer momento que não seja jogo, treino ou treino é gasto me recuperando das inúmeras lesões que sofri ao longo dos anos.

Além disso, ninguém me mostrou o caminho. Ninguém me orientou. Tive que descobrir tudo sozinha.

"Não tenho tempo para cuidar de crianças."

A boca de Ward se contorce em um sorriso irônico. "Eu gostaria muito que você reservasse um tempo. Quero que você seja o mentor de Luca Walker e o transforme no jogador que o Storm precisa."

O que eu vou dizer? Não? Não funciona assim. Ward é um cara legal, provavelmente o melhor cara que já ocupou este cargo na história da organização Storm, mas não estou interessado em incorrer na ira dele se ignorar uma ordem direta.

Ele poderia me comprar pelas temporadas restantes do meu contrato e me forçar a me aposentar, se quisesse. Ele poderia me trocar com desconto para dar lugar a um jogador mais jovem.

Dou-lhe um aceno firme. "Certo. Eu faço isso."

Pelas mudanças que ele fez nas últimas temporadas, suspeito que ele tenha um grande plano para este time.

Jamie Streicher, um dos melhores goleiros da liga, no gol. Rory Miller, o maior artilheiro da liga, como centroavante e agora capitão. Hayden Owens, passou da defesa para o ataque e surpreendeu a todos com o aumento nos pontos no placar.

E agora ele está de olho no novato Luca Walker. Se tem uma coisa que eu amo, é esse time, e nem pensar se vou atrapalhar nossa corrida pela Copa.

Suspiro de frustração. "Por que você não pode ser um babaca como o último cara aqui?"

O último técnico do Storm era péssimo. Com o rosto vermelho, irritado, sempre gritando conosco. Nos repreendendo por cada erro, cada derrota.

Ward solta uma risada curta. "Obrigado, Alexei." Ele acena com a cabeça em sinal de aprovação. "Eu agradeço."

"Não me agradeça ainda." Vou em direção à porta.

"Só mais uma coisa." Ele franze a testa para o computador, abrindo algo. "Há um problema com o seu pedido de cidadania."

"De novo?" Sinto um aperto no estômago. Este pesadelo não vai acabar. Ward me lança um olhar estranho enquanto a preocupação aperta meu peito. "Isso já acontece há anos."

"Eu me perguntava por que você ainda não tinha cidadania."

Minha família imigrou da Rússia para o Canadá quando eu tinha oito anos. "Tínhamos vistos e residência permanente, mas quando entrei para a NHL e solicitamos a cidadania, tudo foi por água abaixo."

Anos de problemas prolongados com nomes escritos incorretamente, inscrições perdidas, rejeições sem motivo e solicitações de reenvio. Dor de cabeça atrás de dor de cabeça.

Se eu pudesse investir dinheiro nisso, eu investiria — Deus sabe que tenho o suficiente como um dos jogadores mais bem pagos da liga —, mas não é assim que o governo canadense funciona.

"A equipe jurídica está cuidando disso agora." Ward me dá um sorriso tranquilizador.

"Eles sabem o que estão fazendo."

"Eles disseram quanto tempo vai demorar?"

Geralmente, um ano para processamento, entrevistas e aceitação final. Mas pode levar até três anos.

Não sei se tenho tanto tempo assim. A realidade que raramente admito é que uma lesão grave e estou acabado. Aconteceu com o Ward. Poderia acontecer comigo.

“E do jeito que seu visto funciona”, acrescenta Ward, “você precisará estar com a equipe ou ter cidadania para permanecer no país”.

O alarme me invade. Não tenho interesse em voltar para a Rússia. Não voltei desde que partimos. Definitivamente não posso deixar meus pais serem mandados de volta. Eles se manifestaram abertamente contra o governo — foi por isso que partimos — e fugiram do país quando seus mandados de prisão foram emitidos. Não é seguro para eles retornarem.

Quando eu era criança, eles trabalharam muito para me manter no hóquei, um esporte caro. Fizeram tudo o que podiam para me dar uma vida melhor aqui no Canadá.

Preciso consertar isso. Esta é a nossa casa. Nossas vidas estão aqui.

Através das paredes de vidro do consultório de Ward, um cabelo ruivo escuro chama minha atenção, e observo a médica caminhando pelo corredor com aqueles saltos exasperantes. Minhas narinas se dilatam enquanto ela sorri para mim.

Ninguém me irrita tanto quanto ela.

Ao passar pela porta aberta de Ward, ela volta sua atenção para ele e seu sorriso se torna sincero. "Ei, Tate."

Ward acena amigavelmente para ela. "Dra. Greene."

Uma dor lateja no meu peito, lembrando do que eu disse a ela dois anos atrás, depois de descobrir que ela me transferiu. Depois de descobrir que ela não acreditava em mim.

*De jeito nenhum eu deixaria alguém me tratar se comprou a faculdade de medicina com o dinheiro do papai. Você é claramente incompetente .*

Mas a dor nos olhos dela não era tão boa quanto eu queria.

*Você disse isso para Ward ? ela perguntou.*

*Sim, eu menti. Eu disse a ele que você era incompetente .*

Ela desaparece na esquina, e percebo que Ward está me observando com um brilho nos olhos.

“É uma pena que você não seja casado com um canadense.”

"Casado?" Depois de Emma, eu nunca, jamais me casaria.

Ele olha pela janela. "Isso realmente aceleraria o processo de inscrição."

Um longo momento de silêncio se estende entre nós. "Você está dizendo que eu deveria me casar com um canadense para obter a cidadania?"

Meu primeiro pensamento é a médica, antes de afastá-la rapidamente. Detesto que ela apareça na minha cabeça em momentos aleatórios.

Ele se recosta, me observando com aquele olhar firme e calmo. "Eu não disse isso. Eu jamais te mandaria fazer algo ilegal." Ele dá de ombros novamente. "Vai ficar tudo bem.

Você tem três anos de contrato restantes. Eles vão resolver isso até lá."

Sinto náuseas. Não sei se ainda tenho três anos na equipe e, do jeito que as coisas se arrastaram com o meu pedido de cidadania, não posso esperar tanto.

Despeço-me de Ward e vou para o meu carro, consciente de cada pino e placa do meu corpo. De cada lesão que não sarou direito porque eu joguei até o fim. No gelo, uso meu corpo como uma arma, jogando hóquei brutal e físico.

Uma lesão pode acabar com tudo e mandar minha família e eu de volta para a Rússia.

Ward tem razão. Preciso me casar, e precisa ser rápido.

## CAPÍTULO 3

### GEÓRGIA

NAQUELA TARDE, estou sentado em meu escritório no hospital, com os olhos semicerrados enquanto olho pela janela para a faixa gigante pendurada na arena próxima — uma imagem de Alexei Volkov de 30 metros em seu uniforme do Storm.

O escritório da minha arena dá para um outdoor do Storm com a mesma imagem. O universo está rindo de mim.

Levanto os dois dedos médios para a faixa. Que desperdício de um queixo pontudo, nariz forte e cabelo grosso e escuro, comprido o suficiente para enrolar na nuca. Longo o suficiente para torcer os dedos e dar um puxão forte.

Como é injusto que o universo tenha dado a ele aquele conjunto de ombros largos e esculpidos, feito *dele* aquela altura imponente.

Até a voz dele é um desperdício, com aquele timbre baixo e estridente, sem sotaque russo, mas com consoantes um pouco cortadas.

Volkov é atraente de um jeito assustador, disse meu amigo Darcy uma vez. Olhos escuros e sem alma, contornados por cílios grossos. Olheiras perpétuas que provavelmente são hereditárias, mas gosto de sonhar que nossas discussões o mantêm acordado à noite, frustrado e sem conseguir dormir.

Ele é um bad boy gostoso. O tipo de gostosão que você não deveria querer, mas quer.

Quer dizer, *eu* não. Algumas pessoas sim. O Volkov é babaca demais para o meu gosto.

*Transforme as compras em seu trabalho em tempo integral para que possamos encontrar um médico de verdade*, disse ele. É a primeira vez que o vejo desde a viagem ao Havaí que nossos amigos nos fizeram fazer neste verão. Uma semana inteira nos ignorando, sem nem olhar um para o outro.

“Dois minutos.”

Eu pulo de susto. A Dra. Heather Joshi, diretora do programa de recuperação de atletas aqui no hospital, encosta-se no batente da minha porta com um sorriso maroto.

“É há tanto tempo que você está olhando para ele.”

Meu rosto arde. "Eu estava *olhando feio* . Porque ele é um babaca."

Ela se senta na cadeira à minha frente, assentindo sabiamente. "Mmm. Sim. Certo."

"Eu o odeio." Ela sabe disso.

Ela bate no queixo com a unha bem cuidada. "Mhm. E é por isso que você deixa ele pensar que você é uma princesinha mimada?"

Heather me conhece desde que quebrei o tornozelo na adolescência e era a médica que supervisionava minha recuperação e reabilitação. Sua paixão, entusiasmo e dedicação ao trabalho me mostraram que a recuperação de lesões em atletas é minha paixão e meu propósito, e seu estilo impecável me mostrou que é possível ser ótimo no que faz e ter uma aparência incrível.

O programa de recuperação de lesões de atletas que criamos juntos é uma das minhas coisas favoritas no mundo, junto com vestidos brilhantes, meus dois coelhos de estimação e saltos que me fazem sentir poderosa e atraente.

Olho para os saltos dela. "Nova?"

"Não tente me distrair."

"Então eu o deixei acreditar em suas suposições. E daí? Ele não tem o privilégio de me conhecer."

Apesar do que Volkov pensa, eu não cresci rico. Cresci com pais adolescentes que viviam às custas da vida. Sim, meu sobrenome é Greene, e sim, são *esses* Greenes, mas meu avô rico e poderoso cortou relações com meu pai quando minha mãe engravidou aos dezessete anos. Estudei em escola pública, me esforcei muito para conseguir bolsas de estudo na universidade, jogando pelo time de futebol feminino da Universidade da Colúmbia Britânica, e depois me esforcei ainda mais na faculdade de medicina. Tudo o que conquistei, eu conquistei.

Mas sinto uma satisfação doentia em deixá-lo acreditar o pior de mim.

*Nem todos nós podíamos pagar uma escola particular .*

Meu Deus, o Volkov é um babaca. Tão controlador e arrogante — como meu ex, Liam. Como tantos homens na medicina. Como meu avô, que me deixou uma herança quando faleceu há alguns anos, mas com a ressalva de que preciso ser casado para herdar.

Não vou *tocar* nesse dinheiro. Não preciso dele, e adoro a ideia de ele estar me encarando do inferno, furioso por não conseguir me controlar.

Além disso, depois de como o Liam me manipulou, eu nunca me casaria. É muito fácil para os homens usarem o casamento como ferramenta para controlar as mulheres.

Volto a focar minha atenção em Heather. Por baixo do jaleco, ela usa um vestido sob medida em um fúcsia chamativo, sua cor favorita. Combina com seu batom, criando um contraste impressionante com sua pele morena.

"Essa é a sua cor", eu digo, como sempre faço quando ela a usa.

Ela sorri para si mesma. "Eu sei." Sua expressão fica séria. "Me reuni com a diretoria do hospital esta manhã e tenho más notícias."

Opa. É o tiro de advertência. Nos ensinam isso na faculdade de medicina, quando aprendemos a contar à família do paciente que seu ente querido faleceu.

"O programa não obteve a próxima rodada de financiamento", diz ela.

Eu paro de respirar. Em pesquisa, financiamento é tudo. Ele paga nossos salários, o laboratório e o espaço do escritório, os equipamentos, tudo.

Perder o financiamento é uma sentença de morte. Estou enjoado. "Então, terminamos."

Ela me dá um sorriso triste. "A partir de maio, sim, o programa estará concluído."

"Mas temos até maio."

Ela balança a cabeça com uma expressão empática. *Não, seu ente querido não vai voltar.*

"Se não tivermos financiamento até janeiro, o hospital vai reservar o espaço para alguém que tenha." Ela suspira, e percebo que ela está tentando ser forte por mim, mas está furiosa. "É tudo questão de dinheiro", diz ela com um toque de amargura.

Estou atordoado, com a cabeça girando, cheio de perguntas e emoções. O programa já conta com duzentos atletas. Nosso trabalho é inovador. Estamos encontrando métodos de recuperação de lesões que se tornarão a norma no esporte e ajudarão atletas do mundo todo.

Além disso, a saúde é financiada publicamente no Canadá. Muitos dos nossos participantes não teriam condições de pagar por esse nível de atendimento de outra forma.

"Mas nós... tudo estava indo tão bem. Nossa última publicação..."

"Eu sei. Estamos fazendo um trabalho incrível." Ela respira fundo. "A boa notícia é que nós duas temos carreiras longas. Muitas clínicas particulares precisam de especialistas." Mas não quero trabalhar em uma clínica particular que atende apenas pessoas ricas.

"E você tem a Tempestade", ela acrescenta.

Admito que aceitei o cargo na equipe médica porque isso daria credibilidade ao programa de pesquisa e ao meu currículo como especialista em recuperação de atletas.

Também ajudou o fato de Liam, agora cirurgião ortopédico em Toronto, ser um grande fã de hóquei. Um emprego em um time de hóquei seria o sonho dele. Foi bom aceitar o emprego dos sonhos dele, mesmo ele nunca tendo acreditado em mim.

Mas acabei adorando. Adoro trabalhar com atletas, mantê-los saudáveis e supervisionar sua recuperação para que possam realizar o trabalho dos sonhos.

Menos o Volkov. Ele pode ir para o inferno por ter dito à Tate Ward que eu era incompetente. Que se foda esse cara.

A motivação me invade. "Não estou pronta para desistir", digo a Heather. "Então, arrecadamos os fundos. O evento beneficente está chegando. Podemos envolver a mídia. Não preciso de salário."

"Geórgia." Ela coloca a mão na minha. "Precisamos de dez milhões de dólares. O benefício rende no máximo algumas centenas de milhares." Ela me dá aquele sorriso triste de derrota. "Tudo bem. É assim que a pesquisa funciona."

Como uma lâmpada, minha mente se volta para minha herança — de dez milhões de dólares.

Não. De jeito nenhum. O casamento foi criado para beneficiar os homens, não as mulheres. Quantas mulheres eu já vi na medicina se casarem e depois desaparecerem para cuidar da casa e criar os filhos enquanto seus maridos ascendem cada vez mais na carreira?

Anos atrás, quando descobri que Liam, meu atual ex, havia me cancelado da faculdade de medicina, ele me pediu em casamento. *Se você ficar aqui em Toronto*, ele disse, *podemos nos casar*. Sem romance, sem declaração de amor. Pelo quão mal-humorado e irritado ele ficava quando eu compartilhava minhas vitórias e realizações acadêmicas, suspeito que ele se sentisse ameaçado, mas eu estava tão estupidamente apaixonada e

desesperada por sua aprovação que aceitei. Por uma semana, considerei adiar meus sonhos para poder basicamente ser sua assistente não remunerada, participando de eventos de braço dado com ele, discreta e discreta.

Agradeço ao universo todos os dias por não ter me casado com aquele cara. Homens como ele não querem uma mulher que se cuide. Eles querem se sentir como o rei, o chefe.

Vou arranjar dinheiro para o programa, mas tenho certeza de que não vou me casar.

---

No início daquela noite, antes de precisar voltar à arena para o jogo de abertura do Storm, atravesso o campo de futebol com minhas leggings, blusão corta-vento e tênis estilosos — porque você não precisa usar salto para ficar atraente — carregando uma caixa grande que sei que fará as meninas gritarem de alegria.

Minha parte favorita do programa de recuperação de atletas? As Vancouver Devils, um time de garotas adolescentes incríveis, hilárias e determinadas.

"É isso que a gente pensa que é?", pergunta uma das meninas, do grupo que as aguarda, conversando e rindo.

Dou-lhes um sorriso radiante. "Vocês sabem disso."

No trabalho, sou a Dra. Greene, mas aqui no treino de futebol, sou a treinadora Georgia. Tecnicamente, ainda sou a médica deles, mas o objetivo da equipe é que os atletas em recuperação mantenham um ambiente de equipe adequado às suas habilidades.

Estar em um time traz benefícios incríveis — apoio, amizade, estrutura, manter-se ativo, competitivo e feliz — mas, quando os jogadores retornam ao seu time regular, muitas vezes se lesionam novamente porque estão competindo com jogadores saudáveis. Eles se esforçam demais. Jogadores que não fazem nada ficam para trás na fisioterapia e frequentemente sofrem de depressão, porque, quando o esporte é tudo para eles, perdê-lo pode deixar um vazio enorme em suas vidas.

Assim, criei equipes esportivas com as participantes do programa. Eu administro o time de futebol para meninas adolescentes e alguns dos meus colegas médicos administram outros times.

Coloquei a caixa no chão e dei um sorriso maroto. "Prontos para ver seus novos uniformes?"

Eles comemoram. Eu sorrio e pego uma camisa vermelha e preta.

"Cores poderosas!", Tasha, uma jovem de dezessete anos se recuperando de uma ruptura do ligamento cruzado anterior, ergue os punhos no ar, me fazendo rir. "Vamos ficar tão lindas."

"Cores poderosas", confirmo.

Não jogamos regularmente, as meninas apenas treinam umas contra as outras toda semana, mas ter uma boa aparência e se sentir bem é importante. O que vestimos pode aumentar nossa confiança quando precisamos.

"Quando você vestir esta camisa, quero que você se lembre da vadia má que você é."

Alguns deles me assobiaram e eu ri, li o nome nas costas da camisa e joguei para o jogador sorridente. Acho que não devo falar "*vadia*" perto deles, mas tudo bem. Eles estudam no ensino médio e já ouviram coisas muito piores.

"Quero que você se lembre de que com trabalho duro e paixão, você pode fazer qualquer coisa."

Mais uma comemoração. Jogo outra camisa.

"Você é corajoso, implacável, inteligente e feroz, e ninguém pode impedi-lo de fazer o que você ama."

Elas torcem novamente e, assim que todas vestem suas camisas, fazemos o aquecimento e os exercícios de fisioterapia prescritos antes do treino. Com suas camisas novas, as meninas querem jogar duro, mas eu as incentivo a irem com calma, irem com calma e se concentrarem em suas habilidades técnicas.

*isso* que o programa importa. Muitas dessas meninas estavam a caminho de jogar em universidades do mundo todo com bolsas integrais. Algumas delas poderiam se tornar profissionais. Elas ainda podem ter essas qualidades, com recuperação e atenção adequadas.

Se o programa for cortado, o Vancouver Devils vai junto. A motivação me invade. Nem pensar que vou deixar isso acontecer.

Vou encontrar uma maneira de salvar o programa.

## CAPÍTULO 4

### ALEXEI

ANTES DO JOGO NAQUELA NOITE, espero no saguão da arena com os outros jogadores, me remexendo nos patins para me manter aquecido. A energia ressoa por todo o estádio, com os fãs vibrando enquanto as luzes se apagam e a música começa.

Os outros jogadores falam em voz baixa, alguns olhando para o chão, profundamente concentrados e com a cabeça já no jogo, e alguns se mantendo aquecidos como eu.

Eu deveria estar me concentrando no jogo e no que praticamos esta manhã, mas, em vez disso, estou pensando no meu problema de cidadania.

*“Nação Vancouver Storm”, anuncia o locutor, “bem-vindos de volta para a abertura da temporada!”*

A torcida ruga novamente, ansiosa para começar. Os fãs esperavam por isso desde o final da temporada passada, quando fomos eliminados na terceira rodada dos playoffs, o ponto mais alto que este time chegou nos playoffs da Stanley Cup em quase uma década.

À minha frente, Hayden Owens, meu antigo parceiro de defesa, me dá seu típico sorriso radiante. "Admita, Volkov. É bom estar de volta."

Faço um ruído baixo de reconhecimento. É *tudo* para voltar. Com oitenta e dois jogos na temporada regular, nossa agenda está cansativa e lotada — mas passei o verão inteiro entediado e ansioso para jogar com meu time novamente.

Fisicamente, me sinto bem esta noite. Meu ombro não dói. Meu LCA está bem. Tenho seguido uma dieta rigorosa e com baixa inflamação, treinando bastante, descansando bastante e fazendo tudo o que posso para jogar o meu melhor nesta temporada.

Mentalmente, estou de volta ao escritório do Ward. Neste jogo, tudo pode acabar num piscar de olhos. Preciso descobrir uma solução, rápido.

Na arena, o locutor lista a equipe, os treinadores e os fisioterapeutas.

*“Hazel Hartley”,* ele anuncia, e Rory Miller, o capitão do Storm, coloca as mãos em concha na boca.

"Essa é a minha garota!", ele grita pelo corredor em direção à arena. Sua noiva, Hazel, é fisioterapeuta do Storm, provavelmente em pé no banco com os outros funcionários. Diante do meu olhar inexpressivo, Miller sorri de orelha a orelha, dando tapinhas no peito sobre o coração. "Não importa que ela não possa me ouvir. Ela pode *sentir* o meu apoio."

"*Darcy Andersen*", anuncia o locutor, agora listando os analistas da equipe, e Owens bate palmas com entusiasmo.

"É, Darce", ele grita. "Vai lá, tigre!"

"Jesus Cristo." Esses caras de merda e seus relacionamentos. "Controlem-se."

Miller dá uma cotovelada em Owens. "Pronta para fazer a pergunta?"

Depois do treino desta manhã, Owens nos mostrou o anel de noivado que havia feito para Darcy. Os dois foram melhores amigos por anos, até a temporada passada, quando ela convenceu Owens a ser seu parceiro quando começaram a namorar novamente.

Isso não durou muito.

Owens sorri. "Ainda não. Estou gostando demais de mexer com ela. Mas em breve."

*Mais uma vez, penso no que Ward disse. Pena que você não é casada com um canadense.*

O locutor lista a equipe médica, e eu olho para o chão, concentrando-me no jogo.

*"Dra. Geórgia Greene."*

Meu pescoço fica tenso.

"Você não vai torcer pela sua namorada?", pergunta Miller com um sorriso inocente, enquanto seus olhos brilham de travessura.

Eles sabem que não nos damos bem. Mas não sabem o porquê.

Por fim, eles anunciam os jogadores. A torcida vai à loucura quando Miller, Owens e nosso goleiro titular, Streicher, entram no gelo.

*"De Winnipeg, Manitoba, Luca Walker!"* A multidão aplaude novamente o nosso novato, desta vez em um tom mais agudo, e Walker nos lança aquele sorriso arrogante e irritante por cima do ombro enquanto pisa no gelo, acenando. Walker já está chamando a atenção da plateia feminina.

*"De Vancouver, BC, Canadá, nosso garoto local e três vezes vencedor do troféu Norris", a multidão começa a gritar mais alto, e eu patino no gelo, "Alexei Volkov".*

O barulho da arena é ensurdecedor enquanto dou uma volta, acenando para os fãs, sentindo aquela descarga familiar de adrenalina me percorrer. Algo que adoro nos fãs de Vancouver é que eles não se importam com onde você nasceu — se você jogou hóquei aqui em algum momento, você é daqui. Será que eles estão torcendo por isso ou porque acham que esta será minha última temporada?

Não é. Sou teimoso demais para desistir. Podem me arrastar para a aposentadoria num caixão.

Eu patino uma volta no gelo, a torcida vibra, os holofotes me seguem e a energia na arena vibra. Não há nada como isso. Jogar pela NHL tem sido meu sonho desde que nos mudamos para o Canadá. Não vou desistir disso por nada. Não consigo deixar de olhar para o médico no banco enquanto passo de patins, nossos olhares se encontram antes que eu desvie o olhar rapidamente.

Os jogadores tomam seus lugares para o hino, Walker em pé ao meu lado, transferindo o peso de uma perna para a outra, olhando ao redor da arena com os olhos arregalados como uma criança no Natal. Ele entrou para o time no meio da temporada passada, então esta é sua primeira estreia na temporada.

"Isso nunca envelhece?", Walker me pergunta.

Olho ao redor da arena, observando a torcida em delírio, a música tocando, as luzes azuis cruzando a torcida. O mar de camisas do Storm. A torcida que quer a nossa vitória quase mais do que nós mesmos.

Aqui, no gelo, faço parte de algo. Isso significa algo.

"Não", respondo quando a música termina. "Isso nunca cansa."

---

No meio do jogo, o defensor adversário dá um cross-check em Miller por trás, empurrando-o para cima do goleiro. Minha coluna se endireita enquanto uma forte defesa me percorre. É um golpe sujo e digno de pênalti, e a torcida imediatamente começa a vaiar, um estrondo baixo de desaprovação e indignação ecoando pela arena. Eles batem no vidro, furiosos.

O apito soa, mas em vez do árbitro marcar pênalti para o outro time, Miller recebe um pênalti por interferência do goleiro.

As vaias dos fãs ficam mais altas enquanto Miller patina em direção à área de pênalti.

"Você está falando sério?", ele grita para o árbitro em choque.

Os jogadores do Storm no gelo olham para mim, mas eu estou olhando para o jogador que fez o cross-check em Miller. Ele me encara de volta.

Ele sabe como isso funciona. Eu sou o executor da Tempestade. Sou o cara mais forte no gelo e o lutador mais forte e agressivo.

E agora é meu trabalho acertar as contas e mostrar ao outro time que eles não podem fazer uma coisa dessas sem consequências.

Dois minutos depois, há uma disputa em frente à rede pelo disco, o apito soa e eu tenho a minha oportunidade. Pego a camisa do cara que fez o cross-check no Miller e ele me empurra para trás.

Eu sei o que estou fazendo no gelo? Sim. Meu contrato recorde para um jogador de 36 anos prova isso.

Posso apoiar meu time e proteger meus rapazes? Sim. Meus instintos de proteção estão ansiosos para acertar as contas e mostrar a eles que não podem nos enganar.

Será que vou vencer essa luta? Sim, também. A adrenalina corre por mim, aguçando meus sentidos enquanto meu coração acelera.

E, no entanto, estou tão cansado dessa merda. Essa é a parte da qual eu diria adeus num piscar de olhos.

Meu olhar se volta para o camarote do dono, aberto para amigos, familiares e comissão técnica durante os jogos em casa. Ela ainda está aqui? Ela ainda está assistindo?

Volto a olhar para o gelo. Não me importo com ela, e definitivamente não me importo se ela está olhando.

Circulando em volta do outro jogador, com o coração batendo forte e a adrenalina correndo pelas veias, os fãs vibram de aprovação enquanto jogo minhas luvas no gelo.

## CAPÍTULO 5

### GEÓRGIA

UMA SEMANA DEPOIS, entro no Filthy Flamingo, um bar decadente escondido no bairro de Gastown, e sento-me em frente ao Jordan, meu amigo, meu colega de quarto desde a universidade e meu barman.

O bar estreito, com painéis de madeira, tem pôsteres vintage de bandas emoldurados na parede; luzes suaves e bonitas no teto; e cem Polaroids pregadas atrás das garrafas de bebida. Há uma foto minha dando um beijo estalado na bochecha de Jordan enquanto ela ri. Essa sempre me faz sorrir.

Alguns jogadores do Storm já estão sentados em uma mesa nos fundos. Jordan odeia hóquei e este bar tranquilo é o único lugar onde eles podem ir sem serem assediados por torcedores raivosos. Costumo evitar o bar em noites de jogos, quando o time com certeza estará lá depois do jogo. Não é para evitar um conflito de interesses, porque não trato os jogadores com quem sou amigo como Hayden Owens, mas detesto esbarrar com Volkov.

"Preciso me casar", digo a ela, sentando-me em um banco do bar.

Ela me serve uma taça de vinho sem parar. Ela sabe tudo sobre a herança e a perda de financiamento do programa.

Ela abre a boca para dizer algo, mas eu me intrometo. "Case comigo."

"Não." O canto da boca dela se ergue.

Apesar de sua aparência delicada e de conto de fadas — cabelos longos, escuros e brilhantes, olhos esmeralda, pele clara de porcelana com traços delicados herdados diretamente da falecida mãe —, ela não se deixa abalar nem se abalar por nada. Ela não aceita desaforo, e nada a afeta. Ela é durona como pedra.

Estivemos juntos nos bons e maus momentos — desde a morte da mãe dela, o pai dela praticamente a abandonando de luto, até toda aquela história do Liam. Durante a faculdade de medicina, para mim, e o mestrado dela em psicologia esportiva. Tentei contratá-la como consultora para o programa de pesquisa, mas ela recusou.

Dou-lhe um sorriso encantador. "Por favor."

“Eu realmente não quero.”

"Eu faria isso por você." Eu faria mesmo. Ela é a única pessoa com quem eu me casaria. "É perfeito. A gente já mora junto. Você só teria que vir aos eventos comigo e tudo mais, me chamar de seu verdadeiro amor, fingir que me beija, etc."

Ela arqueia uma sobrancelha, divertida. "Não curto muito essa coisa de encontros falsos."

Dou um sorriso irônico. Não achei que ela fosse aceitar. É um pedido ridículo. "Tá, tudo bem."

Mais jogadores chegam, cumprimentando-nos ao passar. Ela prepara as bebidas por alguns minutos antes de pousar a coqueteleira, respira fundo e mantém a expressão neutra. Suas unhas escuras se apertam no balcão. "Você poderia pedir o dinheiro ao meu pai."

Tenho vergonha de dizer, mas já considereei isso. Sei o que ele diria, e o Jordan também. Sendo a única pessoa em Vancouver com mais dinheiro do que meu avô, ele desejaria a única coisa que o dinheiro não pode comprar: tempo com a filha, que não quer nada com ele.

Ela faria isso por mim também, mas eu não posso fazer isso com Jordan.

"Não." Aceno com a mão como se estivesse recusando uma segunda refeição. "Prefiro me casar."

Ela me dá um sorrisinho aliviado. "Posso pensar em uma dúzia de caras que se casariam com você. Vá procurar um deles. Quem é aquele cara no hospital, Dr. Bonitão?"

"Dr. Handley." Ele se casaria comigo, com certeza, mas aí se apegaria e eu me sentiria mal por partir o coração dele. "Eu não quero esse tipo de casamento. Quero um acordo comercial."

Jordan assentiu. "Sem sentimentos."

Se alguém entende, é ela. Ela também não tem relacionamentos. "Idealmente, a gente nem gosta um do outro."

A porta se abre e Volkov entra. Jordan levanta as sobrancelhas para mim com uma pergunta provocante nos olhos.

Lanço-lhe um olhar seco. "Como se..."

Vou ao banheiro, mas quando volto, Volkov está sentado a dois bancos de distância. Ele e Jordan estão com as cabeças juntas, conversando em voz baixa. Eles me veem e ele para de falar. Ela me lança um olhar penetrante.

"O quê?" Jordan sabe o que sinto por ele, mas eles são amigos, e ela se recusa a tomar partido.

"Volkov tem algo a lhe perguntar."

"Não, não." Ele a encara. "Fique quieta, Jordan."

Viro-me para ele. "Não mande ela ficar quieta. Este é o bar dela." De volta para Jordan.

"O que foi?"

"Volkov me pediu em casamento."

Provavelmente pareço ter levado um tapa, com o queixo caído e os olhos arregalados.

"Por quê?" Será que ele tem uma queda por ela? Nunca percebi isso antes. Uma forte inquietação me revira o estômago.

Jordan sorri para si mesma, com a malícia brilhando em seus olhos. "Vou deixar vocês dois conversando."

Levanto a mão para impedi-la. "Não..."

Tarde demais. Ela já está indo embora, e eu fico com Volkov. Ficamos sentados em silêncio, ambos olhando para as Polaroids. Há uma dele em algum lugar. Meus olhos examinam — ali. Com a Hayden e a Rory, da temporada passada.

Não aguento mais. Viro-me para encará-lo. "Por que você pediu o Jordan em casamento?"

Seu olhar frio se volta para mim e depois desvia. "Você primeiro."

Então ela lhe disse: "Isso realmente não é da sua conta."

"Multar."

"Bom."

Volto-me para as Polaroids. Ele também tem herança? Ele não precisa do dinheiro. O cara é rico. Todos esses jogadores de hóquei são ricos, especialmente estrelas como ele. Ele ganha milhões por ano.

"Tenho uma herança", digo por algum motivo. "Preciso me casar para recebê-la." Ele não precisa saber do resto.

Ele fica em silêncio por um longo momento. "Preciso de cidadania."

Levanto as sobrancelhas. "Mas você está aqui há anos."

"Eu sei." Suas narinas dilatam. "Não quero entrar nesse assunto. Estou com um visto de trabalho enquanto ainda estou na equipe."

"Para sua sorte, você é o cara mais teimoso que eu conheço." Dou-lhe um sorriso radiante. "Você vai tocar até os noventa e poucos anos."

A verdade implícita paira no ar: Volkov tem mais três anos de contrato, e provavelmente não será renovado depois disso. Ele ainda é um dos melhores defensores da liga, mas uma lesão grave pode tirá-lo de campo. Defensores com grande força física como ele dificilmente jogam tanto quanto ele.

Nossos olhares se encontram. Oh. Oh, não.

"Não", digo a ele, balançando a cabeça. "Não. Não, não, não. De jeito nenhum."

Ele franze a testa.

"Você não pode estar falando sério", eu digo com voz engasgada.

"Estou sim." Ele diz isso como se estivesse lhe causando dor física.

"Volkov." Eu juntei as mãos. "Você bateu a cabeça de novo?" Dois anos atrás, ele estava no hospital com uma concussão grave causada por um tiro na cabeça. "Arrancou mais alguns dentes?"

Ele esfrega a ponta do nariz e fecha os olhos. "Como eu já disse dez mil vezes, eu tenho todos os meus dentes."

Olho em volta, para garantir que não seremos ouvidos, antes de baixar a voz. "Não vou me casar com você. Seria um desastre."

Um longo silêncio se estende até que ele responda: "Não tenho outras opções."

"Detesto admitir isso, mas existem mulheres que se casariam com você. Mulheres que não têm ideia de como você realmente é."

Sua expressão se torna sombria. "Eu não quero um casamento de verdade."

Eu também não quero um casamento de verdade. Algo me incomoda e, pela primeira vez, realmente considero isso.

Incompetente, ele me chamou. Disse isso para Ward. Sou a melhor da minha turma na faculdade de medicina, mas como uso batom, salto alto e faço as unhas, aparentemente não sei o que estou fazendo.

Não. Vou encontrar outra opção. Qualquer um, menos ele.

"Não." Recolho minhas coisas, tiro a carteira e jogo uma nota de vinte no balcão. "Nunca daria certo. Nós nos odiamos. Todo mundo sabe disso."

"É por isso que daria *certo* ." Ele me observa vestir o casaco, o olhar me percorrendo enquanto seu lábio começa a se curvar em desgosto. "Eu jamais desenvolveria sentimentos por você."

Eu rio para mim mesma, abaixando a cabeça. "Nossa. Bem quando eu estava criando esperanças."

"Não vai ficar complicado. Nós dois vamos conseguir o que queremos."

Mais uma vez, a parte lógica e solucionadora de problemas do meu cérebro para e pensa. Ele não está errado. Odeio esse homem com cada fibra do meu ser. Ele é exatamente como o Liam. Poderoso. Controlador. A carreira dele vem em primeiro lugar, acima de tudo.

*Talvez seja por isso que daria certo*, sussurra meu cérebro. Não seria um casamento de verdade. Nunca seria amor. E que outra escolha eu tenho?

Depois do Liam, a ideia de casamento me faz sentir claustrofóbica. Como se eu não conseguisse respirar o suficiente. Como se as paredes estivessem se fechando sobre mim.

"Não", repito. Não posso me casar com um cara como o Volkov, mesmo que seja falso.

"Resposta final. Vai procurar uma esposazinha tímida para intimidar, porque não serei eu."

Ele flexiona o maxilar, mas não diz uma palavra enquanto saio do bar, acenando para Jordan.

Vou dar um jeito. Preciso.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Gloves Off: a marriage of convenience..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).